

# **APICULTURA: ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA E GERAÇÃO DE RENDA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA-SE.**

DANTAS, Alysson Arlindo  
alyssondantass@hotmail.com

FREIRE, José Millano Costa  
jmillanocf@yahoo.com.br

**RODRIGUES**, Auro de Jesus (Orientador)  
Graduado em Geografia, Mestre em Geografia, Prof. do Curso de Geografia Licenciatura  
Plena da Universidade Tiradentes – UNIT  
aurojr@infonet.com.br

## **RESUMO**

Este artigo é resultado de uma pesquisa que foi realizada no município sergipano de Porto da Folha, localizado na microrregião do sertão do São Francisco. O objetivo do artigo foi de analisar se a escolha da apicultura como estratégia de sobrevivência e geração de renda da agricultura familiar no município tem ocasionado uma melhora na condição de vida dessas famílias que optaram por essa alternativa. A prática da apicultura só agora vem tomando força com novas tecnologias de manejo para um melhor rendimento dos apiários em sua maioria com recursos próprios e contribuir na comercialização.

**PALAVRAS-CHAVES:** Agricultura familiar. Apicultura. Comercialização.

# 1 INTRODUÇÃO

A agricultura é uma atividade bastante diversificada e desenvolvida na superfície terrestre tendo uma função importante no aumento qualitativo nas condições de vida da população reduzindo as diferenças sociais.

No Brasil as terras sofreram uma distribuição desigual contribuindo para a concentração de terras e o avanço de práticas agrícolas latifundiárias com a mecanização impulsionando a saída do homem do campo.

Um outro problema encontrado pela agricultura familiar é o fator climático principalmente nas áreas áridas e semi-áridas da região nordeste que sofre com o baixo índice pluviométrico.

Diante dessa realidade o agricultor vê-se na necessidade de criar novas alternativas para sobrevivência e permanência de seus familiares na terra, pois é nela que ele consegue adquirir todo o sustento.

Observa-se que uma alternativa encontrada pela agricultura familiar no município de Porto da Folha-SE, foi a criação de abelhas ou apicultura como é conhecida, essa atividade é praticada devido as suas facilidades de relacionamento com a vegetação e clima da região nordestina.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar se a apicultura está realmente contribuindo para um maior rendimento financeiro da agricultura familiar no município de Porto da Folha-SE.

Os objetivos específicos são: a) verificar se as condições ambientais do município contribuem para o desenvolvimento da atividade apícola; b) se a mão-de-obra utilizada nas propriedades é familiar; c) se a associação vem desenvolvendo seu verdadeiro papel junto com os apicultores; d) verificar se a atividade apícola está contribuindo com a renda familiar.

O tema proposto nesta pesquisa é de fundamental importância para verificar a verdadeira contribuição da apicultura junto com a agricultura familiar do município estudado.

O procedimento metodológico inicialmente utilizado para o desenvolvimento deste estudo foi à pesquisa bibliográfica, baseada em materiais publicados em diversos meios de comunicação sobre a temática em foco. Através de pesquisa descritiva de campo, que foi realizada no município de Porto da Folha-SE, objetivando a coleta de dados, que se fez através de 15 formulários, aplicados em quinze propriedades, com perguntas abertas e fechadas para os agricultores que praticam a apicultura.

A importância da pesquisa é de esclarecer para as sociedades presentes e futuras, a importância da agricultura familiar mediante a geração de emprego direto da força de trabalho do produtor rural e de sua família. A pesquisa apresenta este fenômeno, que acontece no município de Porto da Folha-SE, e cabe a ela contribuir com a ciência geográfica através de subsídios acadêmicos, revelando a apicultura como uma alternativa para complemento da renda e permanência do agricultor familiar no campo desenvolvendo o papel a ele designado.

## **2 DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA**

A agricultura por se tratar de uma atividade dispersa e diversificada na superfície terrestre, ou seja,

Se concluirmos, por exemplo, que a agricultura é atividade atrasada, podemos ser confrontados com uma economia canavieira, agro-industrial, de grande volume de produção e técnicas científicas; se chegarmos à conclusão que a agricultura é atividade econômica altamente desenvolvida, deparamo-nos com a roça feita pelo indígena após a queimada da mata!(DINIZ, 1986, p. 19).

Em função dessa grande diversidade é difícil defini-la. A primeira tentativa segundo Diniz (1986, p. 20) é procurar o seu significado etimológico, que corresponde a *trabalho (cultura) do campo (ager)*. Porém, a mesma engloba outras formas de atividade que

não apenas a lavoura, tais como a arboricultura (árvores frutistas ou ornamentais), a silvicultura (árvores florestais), a criação de gado e até a piscicultura.

Com uma definição muito ampla, René Dumont definiu agricultura como “a transformação do meio rural pelo homem”. Entretanto, “devemos procurar ver a agricultura como um conjunto de elementos que interagem, a fim de atingir um certo objetivo” (DINIZ, 1986, p. 21).

A agricultura para o mundo tem um papel preponderante no aumento qualitativo das condições de vida da população, possibilitando a redução das desigualdades sociais.

O mundo atual depende muito da agricultura, e teoricamente essa dependência aumentará bastante, “se pensarmos no crescente número de pessoas a alimentar e no aumento da demanda de oleaginosas e outros produtos para fins industriais” (DINIZ, 1986, p. 22).

Levando em consideração o crescimento demográfico e a produção de alimentos, além de fatores como catástrofes naturais, guerras, e conflitos sociais, é exemplo extremamente complexo da questão alimentar, aumentando a dependência do mundo em relação à agricultura.

Sobre a agricultura é importante ressaltar as produções feudais, que antecede a produção capitalista, dominando durante séculos o cenário agrícola e marcando a paisagem européia.

Os feudos funcionavam com uma linha de produção necessária para o seu desenvolvimento com o qual “a propriedade do senhor feudal sobre a terra (os feudos) e a propriedade limitada do senhor sobre o camponês (servidão)” (OLIVEIRA, 1987, p. 14), eram divididos em duas partes:

O *domínio*: era a parte de suas terras, em geral de ampla extensão, onde, sob sua tutela ou de seus agentes, os servos trabalhavam os “dias de dádiva”, horas de trabalho para o senhor, a *corvéia*. As *parcelas*: formavam a outra parte das terras do feudo, que eram divididas e concedidas aos camponeses. Em geral, essa jornada de trabalho gratuito era a cessão de renda-em-trabalho para o senhor feudal. (OLIVEIRA, 1987, p. 15-16).

A transição do feudalismo ao capitalismo, se dá à medida que a procura por dinheiro por parte do camponês aumenta. O camponês passa a partir de agora a produzir para comercializar, provocando um rompimento do equilíbrio do território.

A sociedade agora passa a ser estruturada, levando a partilha da terra à medida que a população cresce:

O crescimento da própria população levou à partilha das terras comuns, provocando uma diminuição da propriedade em função da transformação gradativa também da terra em mercadoria, surgindo o monopólio do mais considerável dos meios de produção, a terra. (OLIVEIRA, 1987, p. 19).

O monopólio da terra causou e ainda causa uma enorme desigualdade no processo de distribuição das terras, concentrando muita terra nas mãos dos latifundiários forçando o camponês a vender parte de sua produção ou até mesmo suas terras.

De forma marcante o camponês proprietário individual inicia a produção de mercadorias, representando o produtor livre para produzir para o mercado:

É, pois, aí que encontramos a forma marcante do campesinato como produtor de mercadorias. Um camponês estruturalmente diferente do camponês da comunidade aldeã feudal. De qualquer maneira, a transição do feudalismo ao capitalismo gerou no campo um conjunto muito grande de formas de produção não especificamente capitalistas, o que, particularmente, resultou na aparição de uma volumosa massa de camponeses proprietários individuais que, na lógica geral do desenvolvimento capitalista, deveriam posteriormente desaparecer, em função da chamada superioridade técnica da grande produção capitalista. O desenvolvimento do capitalismo é contraditório, e, portanto, cria as condições para a reprodução dessa produção familiar camponesa. E mais, as condições de baixa rentabilidade do capital no campo, comparativamente a indústria, fizeram com que esse capital (na essência industrial) desenvolvesse mecanismos de dominação sobre esses camponeses, explorando-os sem expropriá-los. (OLIVEIRA, 1987, p. 25-27).

A agricultura sob o modo capitalista de produção, é a fase em que a agricultura tem um progresso contraditório de reprodução capitalista ampliada do capital, ou seja, surge o processo de rotação de produção no capitalismo, convertendo a mercadoria em dinheiro, apropriando-se da mais valia, que é trabalho social não pago.

O crescimento da população e conseqüentemente o crescimento das cidades, devido ao desenvolvimento industrial, estabelece o processo de transformação da agricultura, adquirindo características distintas em vários países.

Ao se tornar monopolista, o capital transforma a agricultura e seu processo produtivo, na medida em que o investimento nas possibilidades de uma agricultura capitalista adota um sistema mais adequado ao uso do solo, como, por exemplo, “a rotação de culturas, que abolia a técnica milenar do pousio” (OLIVEIRA, 1987, p. 43).

Outros fatores também foram importantes para as transformações que aconteceram na agricultura européia e norte-americana, propiciando um aumento que não se dava somente na produção total, mas também, na produção por hectare.

O quadro que a agricultura apresentava era de aumento da produção e queda dos preços, devido à superprodução levada por esse processo em marcha no plano imperialista do capitalismo,

[...] a queda contínua e histórica dos preços das matérias-primas, particularmente as de origem agrícola, e a subida contínua dos preços dos produtos manufaturados, criando um fosso quase intransponível entre os dois setores internacionalizados. (OLIVEIRA, 1987, p. 43).

A agricultura está dentro de um processo em que há um “aumento qualitativo da produtividade do trabalho, no rumo da baixa geral de seus preços” (OLIVEIRA, 1987, p. 52). Houve um grande aumento no consumo produtivo, como também nos produtos industrializados (maquinaria e insumos).

A industrialização da agricultura como atividade, gera a agroindústria. “É, portanto, o capital que solda novamente o que ele mesmo separou: agricultura e indústria, cidade e campo” (OLIVEIRA, 1987, p. 53).

Esse processo tem se destacado cada vez mais no Brasil, onde a agricultura é tida como atividade econômica especializada, intensiva e permanente que constitui uma atividade

relativamente recente com um potencial cada vez maior, diante do aumento do consumo produtivo:

Na verdade, a agricultura brasileira só começou a existir concretamente como setor econômico diferenciado a partir da independência política do país e, principalmente, da formação em seu interior de uma economia de mercado. Suas práticas eram intermitentes e se confundiam com as do extrativismo; os seus agentes as exerciam em conjunto, ou alternadamente, com atividades de outra natureza. (SZMRECSÁNYI, 1998, p. 11).

Torna-se indispensável, lembrar, que o Brasil quando descoberto por Portugueses, configurou-se em uma colônia de povoamento diferente das que se criaram na América do Norte, a partir do século XVII. Segundo Caio Prado Júnior “os colonizadores que aqui foram se estabelecendo vieram, para fazer fortuna – ou “fazer a América” – procurando extrair o máximo da natureza como dos que trabalham para eles no menor tempo necessário”(SZMRECSÁNYI, 1998, p. 12).

A organização social do Brasil-Colônia teve três componentes fundamentais: a grande propriedade fundiária, a monocultura e o trabalho escravo.

A forma de distribuição e acesso a terra no Brasil foi feita desigual. “Primeiro foram às capitanias hereditárias e seus donatários, depois foram às sesmarias. Estas estão na origem da grande maioria dos latifúndios do país, frutos da herança colonial” (OLIVEIRA, 2001, p. 28).

Caráter de concentração da terra, a estrutura fundiária brasileira vem mantendo as mesmas características do Brasil-Colônia. Expandiu-se bastante no Centro-Oeste e na Amazônia, onde invadiram e apropriaram-se de terras indígenas, apresentando seu traço marcante: poucos com muita terra e muitos com pouca terra.

Dados de 1940:

1,5% dos proprietários dos estabelecimentos agrícolas com mais de 1.000 há, ou seja, 27.812 unidades ocupavam uma área de 95,5 milhões de hectares, ou 48% do total de terras, quase a metade, portanto; enquanto isso, 86% dos proprietários dos estabelecimentos agrícolas com menos de 100 há, ou seja, 1.630.000 unidades, ocupavam uma área de apenas 35,9 milhões de hectares, menos, portanto, de 19% das terras. (OLIVEIRA, 2001, p. 30).

Comparando com dados de 1985, essa realidade não é muito diferente. Dados de 1985:

[...] menos de 0,9% dos proprietários dos estabelecimentos agrícolas com área superior a 1.000 há, ou seja, 50.105 unidades, ocupavam uma área de 164,7 milhões de hectares ou 44% do total das terras enquanto mais de 90% dos proprietários dos estabelecimentos agrícolas com menos de 100 há, ou seja, 5.252.265 unidades, ocupavam uma área de apenas 79,7 milhões de hectares, ou 21% do total das terras. (OLIVEIRA, 2001, p. 30).

Esta desigualdade esta assentada historicamente nos momentos de ocupação que cada região conheceu. As regiões que mais apresentam a desigual concentração das terras é o Nordeste, Centro-Oeste e o Norte.

No Nordeste o número de estabelecimentos em 1985, apresentava uma elevadíssima concentração fundiária:

[...] estabelecimentos com menos de 10 ha, representavam mais de 70% do total, ficando, entretanto, representavam mais de 70% do total, ficando, entretanto, com apenas poucos mais de 5% de área total da região. Enquanto os latifúndios com mais de 1.000 hectares, que representavam tão-somente 0,4% dos estabelecimentos, ficavam com mais de 32% da área total. (OLIVEIRA, 2001, p. 32).

Não sendo diferentes das demais regiões do Brasil, no Nordeste o acesso à grandes quantidades de terra, somente era de pessoas com ligações a autoridades governamentais. Ao mesmo tempo em que os sesmeiros obtêm títulos sobre as terras, pessoas humildes procuravam terras em áreas menos acessíveis, além de alguns desbravadores humildes que se estabeleciam em terras não apropriadas.

“Aí viviam, desfrutando e explorando a terra em pequenas áreas e produzindo pra o auto-abastecimento, até que o titular da mesma aparecia e exigia que este migrasse ou se transformasse em arrendatário” (ANDRADE, 1998, p. 11).

Esta alternativa levava o pequeno produtor a submissão ou resistência:

No primeiro caso o pequeno produtor tornava-se um dependente, às vezes até um jagunço do grande proprietário, o coronel; no segundo caso ou era expropriado ou morto, tornando-se, quando escapava, um revoltado, alimentando ora grupos marginais, que deram origem aos cangaceiros, ora de místicos, que deram origem aos fanáticos. (ANDRADE, 1998, p. 11).



Diante dessa realidade o camponês vê-se na necessidade de criar alternativas para que possam permanecer na terra, pois, é nela que ele consegue tirar o sustento para sua família. “O camponês deve ser visto como um trabalhador que, mesmo expulso da terra, com freqüência a ela retornar, ainda que para isso tenha que (e)migrar” (OLIVEIRA, 1987, p. 11).

Para isso o camponês vê-se a serviço do capital na forma de trabalhador assalariado. Dessa forma,

[...] estamos diante de uma relação de trabalho e de produção baseada na exploração do trabalho alheio, diferente daquela baseada na família, numa unidade camponesa, onde a família trabalha, em tese, para si própria. Ou, então, naquela baseada na parceria, onde a produção é dividida entre o proprietário da terra e o trabalhador. (OLIVEIRA, 2001, p. 21).

Dessa forma o camponês se vê da necessidade de não produzir o sustento de sua família mais também na obrigação de dividir a produção com o proprietário da terra em que vive dificultando cada vez mais sua permanência no campo contribuindo assim para o aumento do êxodo rural.

Diante das dificuldades que o êxodo rural em direção às cidades provoca (falta de emprego, condições de vida precária etc.), a unidade familiar tem como função reter e abrigar uma população rural excedente.

O sistema de produção dos agricultores brasileiros varia de uma região para outra e mesmo na mesma região.

No Nordeste onde a estrutura fundiária é profundamente desigual, o sistema de produção tradicional é ainda predominante:

As produções animais são destinadas ao mercado se atingem alguma expressão e servem geralmente, no caso dos pequenos produtores, seja para cobrir as despesas semanais (graças à venda do excedente do leite, do queijo, dos ovos, dos pequenos animais de viveiro), seja para fazer face às despesas ocasionais mais significativas (sacrifica-se então um animal escolhido em função da despesa prevista). (LAMARCHE, 1993, p. 194).

Enquanto isso a produção de vegetais são praticadas durante o período de chuvas e o seu sucesso depende de vários fatores: climáticos, diversificação dos espaços em função do relevo, da qualidade dos solos etc.:

A produção vegetal diversificada e destinada ao autoconsumo familiar (milho e cenoura associados na mesma proporção com legumes em geral) ou à alimentação dos animais (milho e culturas forrageiras). Somente o excedente, quando não pode ser conservado, é vendido. (LAMARCHE, 1993, p. 195).

Também no Nordeste, verifica-se certa modernização das explorações familiares ligadas ao sistema irrigado, favorecidos na maioria por projetos de iniciativa do Estado.

A organização do trabalho varia de acordo com o tipo de produção:

Durante a estação de chuvas, o trabalho cotidiano resume-se às produções vegetais, ao tratamento das vacas, aos cuidados dispensados aos animais mais novos e aos de viveiros. Durante a estação das secas e no início das chuvas, quando a falta de forragem natural determina a utilização de ração para os animais, o trabalho mais pesado recai na preparação desse alimento: corte da forragem, transporte, picamento, distribuição e outras tantas atividades que dependem um tempo considerável se o produtor (como é o caso da maioria) não tiver máquinas disponíveis. (LAMARCHE, 1993, p. 200).

A divisão e participação dos membros da família são proporcionais à quantidade de atividades que dependem de trabalho manual.

No Nordeste,

[...] a atividade masculina predomina, principalmente em relação aos cuidados dispensados aos mais e às vendas. Por outro lado, o trabalho das mulheres é mais significativo no que se refere à horta e a granja, [...] moagem de milho e feitura de queijos. (LAMARCHE, 1993, p. 200).

Dependendo da quantidade de atividades em sua propriedade o agricultor se ver na necessidade de utilizar mão-de-obra dos seus filhos para não contratar terceiros tendo como finalidade um maior rendimento familiar.

Dentro deste contexto o agricultor familiar embasado em suas características peculiares, é obrigado a diversificar sua produção. Uma das alternativas é a apicultura, que de acordo com a forma desempenhada, propicia um significativo complemento na renda familiar.

A apicultura em associação com a agricultura familiar, pode fortalecer a produção familiar, contribuir para a permanência do homem e sua família no campo de maneira sustentável, e alternando as atividades agrícolas.

A apicultura possui várias vantagens entre outras criações: dispensa a compra de alimentos ou rações, exige pequenas áreas para instalação, elevado preço dos produtos tanto no mercado interno como no externo, além de utilizar poucas horas trabalhadas por unidade de colméia durante o ano, além, da importância ambiental que a mesma possui com a “manutenção e preservação dos ecossistemas existentes” (CORRÊA, 2002, p. 1).

Seus principais produtos são: o mel, que é o resultado da coleta do néctar que as abelhas transformam no seu organismo e armazenam nos favos; o pólen, que é coletado pelas abelhas diretamente da flor para alimentação das larvas jovens; a própolis, substância que as abelhas produzem e que serve como impermeabilizante, desinfetante, e também como material de construção; a geléia real, a apitoxina (veneno das abelhas), são substâncias utilizadas para fins medicinais; e a cera, que é utilizada para a construção de favos na colméia.

No Brasil, as características climáticas são favoráveis para o desenvolvimento desta atividade, um fabuloso potencial ainda pouco explorado.

As abelhas que garante ao Brasil ser uma grande potência são as africanizadas, que se adaptaram no Brasil mostrando ser grandes produtoras de mel nas condições tropicais, com maior tolerância as pragas e doenças.

No Nordeste não é diferente, a exemplo de períodos de estiagem em determinadas épocas do ano é um importante aliado desta atividade. É na região semi-árida que ela ganha força, pois a mesma está desenvolvido para empregar mão-de-obra familiar, melhorar a renda destas famílias e reduzir a dependência dos produtos agrícolas de subsistência.

### **3 CARACTERÍSTICA GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA – SE**

Segundo registro histórico, a Freguesia de São Pedro do Porto da Folha foi criada por volta da segunda metade do século XIX (o que não corresponde ao nome do atual padroeiro). Afirma-se que, quem colonizou as terras de Porto da Folha foi Tomaz Bermudes, quando fundou a fazenda Curral do Buraco, na povoação Buraco, primitivo nome de Porto da Folha (SERGIPE PANORÂMICO, 2004).

Por força da lei de 19 de fevereiro de 1841, a sede da Freguesia foi transferida da Ilha do Ouro para o povoado do Buraco, agora sob o orago (padroeira) Nossa Senhora da Conceição, e recebeu a denominação de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Porto da Folha. A 23 de março de 1870, foi criada a Vila com o nome de Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha do Ouro (SERGIPE PANORÂMICO, 2004).

Algumas mudanças ocorreram da definição da localidade para instalação da Vila, por inconveniência da localização, distante do porto e acesso íngreme.

Após a implantação do regime republicano, o decreto nº 55, de 15 de fevereiro de 1890, dissolveu a Câmara de Porto da Folha, e criou o Conselho de Intendência. Foi através da lei Provincial de nº 194, de 11 de novembro de 1896, a Vila de Porto da Folha foi elevada à categoria da cidade (SERGIPE PANORÂMICO, 2004).

Distante 190 km da capital e com uma área de 897 km<sup>2</sup>, segundo o IBGE (2000), a sua população estimada 2005 em 01.07.2005 é de 27.035 habitantes.

O Município está situado na Microrregião do sertão do São Francisco, localizado a uma latitude 09°55'02'' Sul e uma longitude 37°16'42'' Oeste, estando a uma altitude de 38 metros acima do nível do mar, com relevo Pediplano Sertanejo podendo chegar a 300 metros de altitude, com solos (regossolos, planossolos, litossolos, solonetz), rasos, arenosos ou

pedregoso do sertão e agreste (Figura 1). Predominam o clima quente semi-árido com longo período seco (sete a onze meses) chuvas irregulares e mal distribuídas (400 mm a 700 mm anuais). Durante o dia as temperaturas podem alcançar 40° C enquanto a noite é mais amena, em função da altitude e da distância do mar (SERGIPE PANORÂMICO, 2004).

Em sua cobertura vegetal predomina a caatinga que é formada por espécies que necessitam de pouca água para sua sobrevivência. Nas áreas em que as condições de semiaridez são menores predomina a caatinga arbustiva, onde aparecem os juazeiros, o umbuzeiro, a caatinga de porco, o mandacaru, entre outros.

A caatinga hiperxerófila aparece nos lugares onde a aridez é mais elevada isto é, o clima é mais seco. Nela aparecem alguns arbustos mais espaços, a gramíneas e o xique-xique, a cabeça-de-frade, entre outros.

Sua hidrografia é formada pela bacia do rio São Francisco e pelos rios Capivari e Campos Novos.

## **4 DESENVOLVIMENTO DA APICULTURA NO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA-SE**

Os agricultores entrevistados no município de Porto da Folha-Se, numa tentativa de permanecer no campo e garantir em alguns casos o mínimo para sobreviver foi obrigado a diversificar sua produção.

Uma das alternativas encontradas pelos agricultores que responderam aos questionamentos desta pesquisa, foi à apicultura, que de acordo com a forma desempenhada traz um significativo complemento para a renda familiar. Garante uma sustentabilidade sócio econômica para a propriedade familiar e desempenhando um papel relevante ao meio

ambiente, através da polinização de plantas cultivadas ou nativas, além de contribuir para o equilíbrio e conservação da natureza.

A criação de abelhas, como atividade produtiva familiar, fixa o homem a terra e melhora sua qualidade de vida. Do trabalho das abelhas melíferas, há geração de renda através da produção de mel, própolis, cera, pólen e geléia real. (SAGRI, 2006, p. 1).

A atividade apícola no município teve início de forma rudimentar, onde os enxames de abelhas eram quase totalmente destruídos no momento da colheita do mel, tendo que se refazer, levando bastante tempo até a próxima colheita. Além da forma como era extraído o mel, os apicultores por não possuírem equipamentos padronizados eram obrigados a espremer o mel com as mãos, podendo até contaminar a produção em virtude de um manejo inadequado. Ainda assim conseguiam garantir renda com a comercialização do mel.

A motivação para que essa atividade fosse se desenvolvendo no município foram às vantagens que a apicultura proporciona ao homem do campo e fatores como as condições climáticas favoráveis da região e sua vegetação nativa.

Observou-se que 47% dos apicultores entrevistados possuem idade entre 18 e 30 anos indicando um fator muito importante que é a permanência do jovem agricultor no campo, contribuindo com a renda da família (Tabela 1).

Cabe salientar que a apicultura passou a ter maior importância no município de Porto da Folha, após palestra realizada pelo SEBRAE no ano de 2001 sobre a apicultura e seus benefícios para a comunidade.

Durante a pesquisa, foi identificado que 47% dos entrevistados é apicultor a menos de cinco anos, enquanto que 33% dos entrevistados revelaram ser apicultor a mais de 10 anos (Tabela 2). Tem ocorrido um crescimento da atividade após a palestra realizada pelo SEBRAE, e a criação da Associação dos Pequenos Apicultores de Porto da Folha-SE.

A primeira ação da Associação após reunir certa quantidade de associados foi a de promover capacitações (Tabela 3), para que os mesmos passassem a ter um conhecimento

teórico e prático do que realmente é a apicultura, e incentivar os associados ou até mesmo enviar alguns deles para eventos ligados a atividade apícola.

Os cursos realizados em que os apicultores do município participaram mostraram aos mesmos a necessidade de adquirirem materiais dentro dos padrões exigidos pelas abelhas, para que obtivessem melhoras na produção e manejo do apiário resultando num produto de qualidade.

Segundo dados coletados 33% dos entrevistados resolveram aderir à apicultura para complementar a renda da família, outros 33% após participarem do Curso de Iniciação à Apicultura (Tabela 4).

Para a instalação de um apiário não é necessário grandes áreas, porém uma preocupação é com a necessidade de existir alimentos próximos a estes apiários para que as abelhas possam se manter, por isso deve ser instalado em áreas com vegetação arbustiva e de boas floradas. (Foto 1 e 2).

Convém destacar que algumas espécies têm sua florada entre os meses de julho a setembro contribuindo ainda mais para o aumento da produtividade como é o caso do umbuzeiro, marmeleiro, toalha de vaqueiro, chocalho de raposa, cheiroso, tendo características de florada silvestre e conseqüentemente mel silvestre. Na região o mel é produzido pelas abelhas melíferas da espécie *apis mellifera* conhecidas como africanizadas (Foto 3).

Em relação ao tamanho da propriedade (Foto 4 e 5), 40% dos entrevistados possuem propriedades com menos de 15 hectares, 47% possuem propriedades com extensão entre 15 e 30 hectares e apenas 13% dos entrevistados possuem propriedades acima de 30 hectares (Tabela 5).

Estas propriedades além da apicultura são utilizadas para o desenvolvimento de outras culturas como, a pecuária de leite, plantações de leguminosas (milho, feijão e fava)

durante a estação chuvosa e palma para alimentação dos animais. Com a apicultura há também a preservação das áreas de matas, onde antes eram desmatadas para a criação de pastos para os animais e hoje é reservada para alimentação das abelhas, aumentando o potencial da atividade apícola na propriedade.

#### **4.1 Da Produção a Comercialização**

Com condições naturais favoráveis a apicultura surge como um complemento na agricultura familiar do município. A criação de abelhas vem surgindo como uma oportunidade capaz de causar impactos positivos sociais e econômicos esse devido a uma boa produtividade originada dos apiários.

O apiário (Foto 6) deve estar localizado próximo à vegetação consistindo assim num conjunto de colméias padronizadas para se obter uma melhor produção tanto na quantidade no que se diz respeito aos números de colméias como também na qualidade dos produtos extraídos, tudo isso com a prática do manejo correto do apiário.

Quando perguntado a respeito da quantidade de colméias instaladas, 60% responderam que possuem de 10 a 30 colméias (Tabela 6). É importante destacar que, “a produtividade média de uma atividade apícola racional e profissional tem como patamar mínimo 30 kg/colméia/ano para a apicultura fixa” (RELATÓRIO DIAGNÓSTICO MERCADOLÓGICO, 2005, p. 22).

Foi lembrado em entrevista que a quantidade de colméias em produção, ideal para uma propriedade de agricultura familiar, são 30 colméias, o que garante uma sustentabilidade econômica e mantém a diversidade de culturas na propriedade.

Com as caixas do apiário padronizadas (Foto 7) e uma manutenção correta a produção de mel aumentou consideravelmente e conseqüentemente houve uma procura para



expandir o mercado consumidor tornava-se necessária, já que até então era somente comercializado no município e em pequena escala na capital.

Cabe ressaltar ainda que em conversa com os entrevistados foi constatado que, o contato e a venda são realizados pelo próprio apicultor, em alguns momentos o produtor leva o produto ao comprador, sendo que em muitos casos o comprador vai até a propriedade para pegar o produto a ser comercializado.

## **4.2 Quantidade com qualidade**

Não somente a quantidade da produção, mas também a qualidade do mel impulsionou outros agricultores a iniciar na apicultura quando perceberam a lucratividade e a não utilização de produtos químicos nas plantações próximas dos apiários contribuindo ainda mais nos lucros finais da produção e comercialização dos produtos extraídos em Porto da Folha que são o mel e a cera.

A comercialização dos produtos extraídos pelos entrevistados, é feita de maneira diferente para cada produto. O mel é comercializado tanto para atravessadores em grandes quantidades, quanto para o consumidor final em menores quantidades. Já a cera é comercializada entre os apicultores em forma de pagamento pelo beneficiamento da mesma (Foto 8).

Foi construída a 1000 metros do Povoado Lagoa do Rancho, situado no município de Porto da Folha, a margem da Rodovia Barreto Menezes que liga a sede do município ao povoado a Casa do Mel (Unidade Produtiva de Extração e Beneficiamento), será utilizada pelos apicultores do município e circunvizinhos. A produção será ampliada e beneficiada em ambiente imunizado e higiênico, garantindo ao produto qualidade suficiente para obedecer às

normas e garantir o tão esperado SIF – Selo de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura para os produtos.

Este selo irá contribuir para uma melhor comercialização, é esse selo que atesta a origem e qualidade dos produtos garantindo a livre circulação nos mercados internos e externos. As embalagens utilizadas para o armazenamento e venda do mel são baldes de manteiga de 21 a 23 kg, que em muitos casos são reaproveitados pelos apicultores entrevistados (Fotos 9 e 10).

Mesmo com o aumento na produtividade os apicultores do município reclamam da falta de organização na hora de comercializar toda a produção existindo um individualismo.

Diante do observado o maior obstáculo no momento para a expansão e um aumento na desmotivação da apicultura no município é o individualismo que vem prejudicando a comercialização do mel e da cera.

Esse problema vem sendo ocasionado por falta de instruções provenientes da associação que não vem cumprindo o seu verdadeiro papel que lhe foi designado: congregar não somente os associados, mas também os integrantes da família, estimulando-os através do intercâmbio cultural e social, incentivando a prática da apicultura por todos.

Muitos dos apicultores reclamaram da pouca participação da associação, principalmente no momento final, que é o da venda destes produtos.

### **4.3 O Trabalho e a Família**

Os agricultores em Porto da Folha se viram na forma de gerar uma alternativa de sustentabilidade econômica na agricultura familiar do município. Cerca de 40% dos casos a renda proveniente da criação de abelhas é a maior e 40% da apicultura e agricultura (Tabela 7). A apicultura representa uma importante fonte de renda para esses agricultores, que tem o

mel como principal produto para comercialização, garantindo a sustentabilidade econômica da família.

O trabalho de manutenção e coleta nos apiários é feito com a participação de todos os membros da família, pois atividade apícola exige após a colheita a limpeza dos materiais que foram utilizados fazendo com que todos participem de alguma forma do processo de produção.

Diante da expectativa em um possível aumento da produção, o apicultor se vê na necessidade de envolver pessoas que não sejam da família. Na maioria essas pessoas envolvidas são praticantes da atividade apícola que costumam ajudar uns aos outros estabelecendo uma troca de favor, em alguns momentos recebem em dinheiro ou até mesmo produtos do apiário a exemplo do mel e da cera como forma de pagamento.

Segundo os entrevistados, essa prática, além de facilitar a manutenção do apiário, pois as pessoas envolvidas possuem experiência no manejo da atividade, além de equipamentos necessários para a segurança dos mesmos, viabilizando assim um melhor rendimento familiar (Foto 11).

## **5 CONSIDERAÇÕES**

Diante dos fatos relatados, e da importância da agricultura familiar mediante emprego direto da força de trabalho do produtor rural e de sua família, O agricultor familiar é obrigado a diversificar sua atividade visando o aumento e a diversificação da produção.

A apicultura foi a alternativa escolhida pelos agricultores entrevistados no município de Porto da Folha-SE. Esta atualmente é uma das grandes opções para o desenvolvimento do semi-árida nordestino, em virtude da garantia de renda que a atividade proporciona ao produtor.

Observa-se a predominância do trabalho familiar nas propriedades, e quando da utilização da mão-de-obra extra é praticado a troca de serviços entre os apicultores. Isto é devido a necessidade de pessoas que trabalhem com a atividade, pois é necessário a utilização de equipamentos de segurança para o manejo.

O principal produto extraído para a comercialização, é o mel, este é centrifugado para em seguida ser vendido. Há também o interesse de alguns apicultores em produzir a própolis e o pólen para comercialização. Os produtos comercializados pelos apicultores entrevistados não possuem nenhum tipo de certificação.

Foi observado que os apicultores do município reclamam da falta de organização na hora de comercializar toda a produção, principal obstáculo relatado pelos apicultores, resultando num determinado individualismo, ocasionado por falta de instruções provenientes da associação.

Esta por motivo de a pouco tempo ter mudado de diretoria segundo o Presidente, está traçando novas metas para obtenção de melhores resultados, pois a mesma não vem cumprindo o seu verdadeiro papel que lhe foi designado que é a difusão e melhoramento na apicultura racional.

Foi verificado que estes problemas são resultantes da falta de estrutura que há naquela região em relação à atividade. Portanto, há uma grande expectativa por parte dos apicultores em relação a instalação da Unidade Produtiva de Extração e Beneficiamento, onde será beneficiada em ambiente imunizado e higiênico, garantindo ao produto qualidade suficiente para obedecer as normas e inspeções realizadas pelos órgão de fiscalização.

Os apicultores salientaram com grande ênfase a participação do SEBRAE, que vem desenvolvendo um trabalho excelente em termos de assessoria e capacitação para que a apicultura seja sinônima de desenvolvimento e geração de renda para as famílias, e da

Federação Sergipana de Apicultura (FAPISE), que tem garantido total apoio a Associação dos Pequenos Apicultores de Porto da Folha.

Cabe ressaltar, a importância da pesquisa para o desenvolvimento da apicultura, principalmente como alternativa que propicia ao homem do campo a utilização de uma atividade complementar que pode garantir a ele em alguns casos, até uma renda maior do que a renda de outras atividades desenvolvidas na propriedade de agricultura familiar.

## REFERÊNCIA

ANDRADE, Manuel Correia de. **Nordeste: alternativas da agricultura**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CORRÊA, Maria Pinheiro Fernandes. Sistemas de Produção. (2002). In: Embrapa Meio-Norte. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mel/SPMel/index.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2005.

CRESPO, Antonio Arnot. **Estatística Fácil**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

DINIZ, José Alexandre Filizola. **Geografia da agricultura**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.

IBGE Cidades. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topmenu.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2006.

LAMARCHE, Hughes. A Exploração Familiar no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A Agricultura Familiar: comparação internacional**. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de. SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Sergipe panorâmico: geográfico, político, histórico, econômico, cultural e social**. Aracaju, SE: Unit, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

Projeto de Desenvolvimento da Apicultura e Meliponicultura. In: SAGRI: Secretaria Executiva de Agricultura. Disponível em: <[http://www.sagri.pa.gov.br/projeto\\_abelha.htm](http://www.sagri.pa.gov.br/projeto_abelha.htm)>. Acesso em: 02 maio. 2006.

**RELATÓRIO DIAGNÓSTICO MERCADOLÓGICO** – Associação dos Pequenos Apicultores de Porto da Folha. Desenvolvido por Corália Maria Sobral Carvalho. Sergipe, 2005.

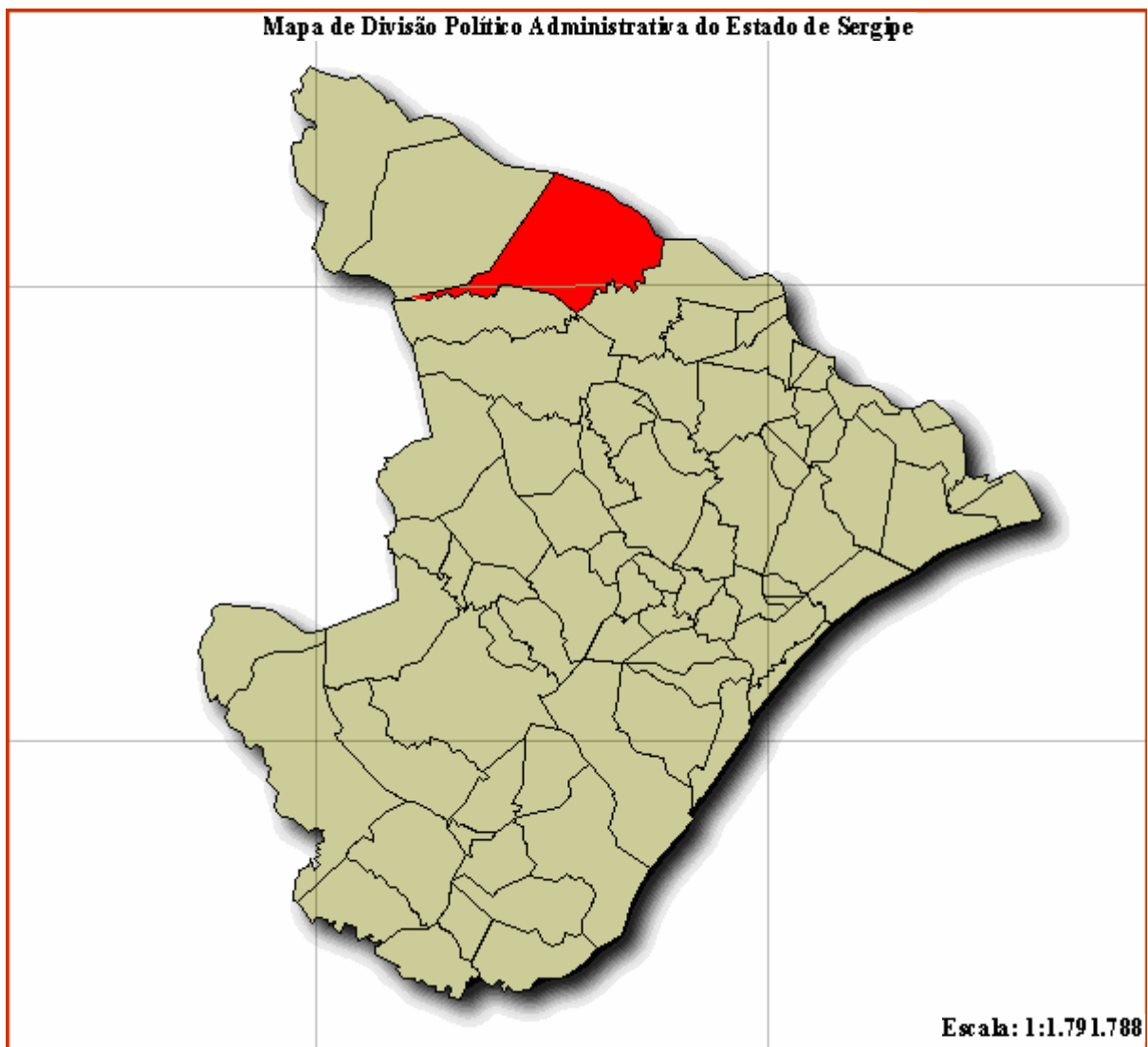
SZMERECSÁNYI, Tamás. **Pequena História da Agricultura no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

Tópicos em Biologia de Abelhas. In: Instituto de Biociências – USP. Disponível em: <<http://www.ib.usp.br/beelife/biolo.htm>>. Acesso em 01 jun. 2006.

Uso da Apicultura como Fonte Alternativa de Renda para Pequenos e Médios Produtores da Região do Bolsão, MS. In: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/Desen/Desen28.pdf>>. Acesso em: 02 maio. 2006.

## APÊNDICE

Figura 1 – Porto da Folha-SE



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Tabela 1 – Idade dos Apicultores

<b>ANOS</b>	<b>Nº DE APICULTORES</b>	<b>%</b>
18 a 30	8	53
31 a 40	4	27
41 a 53	3	20
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Tabela 2 – Há quanto tempo é apicultor

<b>TEMPO NA ATIVIDADE</b>	<b>Nº DE APICULTORES</b>	<b>%</b>
Menos de 5	7	47
5 a 10	3	20
Acima de 10	5	33
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Tabela 3 – Cursos realizados através da Associação

<b>TREINAMENTO</b>	<b>PERÍODO (mês/ano)</b>	<b>INSTITUIÇÕES</b>
Iniciação à Apicultura	Out/2001	SEBRAE
Redes Associativas	2003	SEBRAE
Iniciação à Apicultura	2004	SEBRAE
Aprendendo a Empreender	2005	SEBRAE
Clínica Tecnológica – Alimentação de Subsistência	2005	SEBRAE
Clínica Tecnológica – Manejo de Rainha	2005	SEBRAE

Fonte: Relatório Diagnóstico Mercadológico, 2005.

Tabela 4 – Por qual motivo resolveu ser apicultor

<b>MOTIVO</b>	<b>Nº DE APICULTORES</b>	<b>%</b>
Complemento da renda	5	33
Curiosidade/Documentário	4	27
Curso	5	33
Programa do Governo	1	7
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Tabela 5 – Tamanho da propriedade

<b>HECTARES</b>	<b>Nº DE APICULTORES</b>	<b>%</b>
Menos de 15	6	40
15 a 30	7	47
Acima de 30	2	13
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Tabela 6 – Colméias instaladas

<b>QUANTIDADE</b>	<b>Nº DE APICULTORES</b>	<b>%</b>
Menos de 10	2	13
10 a 30	9	60
Acima de 30	4	27
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Tabela 7 – Onde obtém o principal rendimento financeiro

<b>GRUPO (cultura)</b>	<b>Nº DE APICULTORES</b>	<b>%</b>
Apicultura	6	40
Agricultura	3	20
Apicultura/Agricultura	6	40
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 1 – Umbuzeiro



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.



Foto 2 - Marmeleiro



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 3 – Abelha Africanizada (*Apis Mellífera*).



Foto 4 - Propriedade



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 5 - Propriedade



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 6 - Apiário



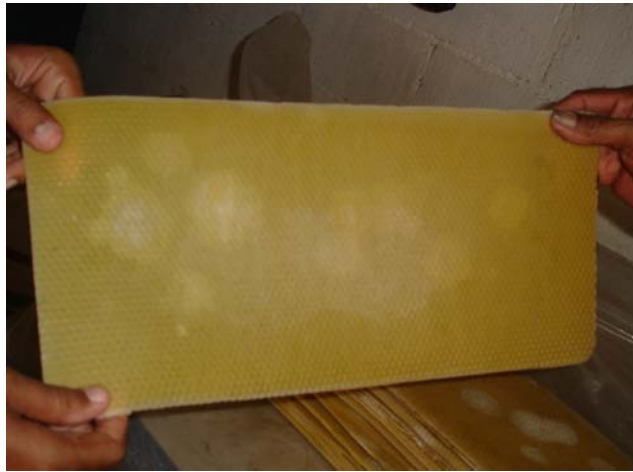
Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 7 – Caixa Padrão (Modelo Langstroth)



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 8 – Cera Alveolada



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 9 – Mel (Baldes e Tambores)



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 10 – Mel (Garrafas)



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Foto 11 – Roupa de Segurança



Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

## FORMULÁRIO

<b>Pesquisa</b>		
<b>1- Há quanto tempo é apicultor?</b>		
<b>2- Por qual motivo resolveu ser apicultor?</b>		
<b>3- Faz parte da Associação?</b>	<b>Sim ( )</b>	<b>Não ( )</b>
<b>Há quanto tempo?</b>		
<b>4- Qual o tamanho da sua propriedade?</b>		
<b>5- Quantos colméias instaladas o Sr(a) possui?</b>		
<b>6- Qual espécie de abelha é criada em sua propriedade?</b>		
<b>7- Quais produtos apícolas são extraídos em sua propriedade?</b>		
<b>8- Quais produtos são comercializados?</b>		
<b>9- E para quem e onde são vendidos?</b>		
<b>10- Como é feita a comercialização da produção?</b>		

<b>11- Quantas pessoas da sua família dependem da atividade apícola?</b>	
<b>12- Quantas pessoas da sua família trabalham na Apicultura?</b>	
<b>13- De que forma é dada a divisão e participação dos membros da família na atividade apícola?</b>	
<b>14- Além dos membros da família contrata outro trabalhador?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Quantos?
<b>15- Além da apicultura, exerce outra atividade agrícola?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Qual?
<b>16- Exerce outra atividade que não seja ligada a agricultura?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Qual?
<b>17- A Associação incentiva os apicultores a participar de eventos ligados a apicultura?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Qual?
<b>18- A Associação promove ou promoveu algum curso que propicie um manejo correto e/ou um aumento na produção?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Qual?
<b>19- Após o curso quais foram os resultados obtidos em sua propriedade?</b>	
<b>20- Onde obtém o principal rendimento financeiro?</b>	
<b>21- Existe algum tipo de ajuda do Poder Público seja ele (Federal, Estadual ou Municipal)?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Qual?
<b>22- Existe alguma dificuldade em relação à Apicultura no Município de Porto da Folha/SE?</b>	
Sim ( ) Não ( )	Qual?

**1.1 Sexo:** Masculino ( ) Feminino ( )

**1.2 Idade:** \_\_\_\_\_ **Mapa de Divisão Político Administrativa do Estado de Sergipe**